

# As Ciências da Linguagem no espaço galego-português

## diversidade e convergência

### O PAPEL DO GRAU DE EXPOSIÇÃO LINGÜÍSTICA NO DESENVOLVIMENTO BILINGUE

Cristina Flores  
Liliana Correia

Instituto de Letras e Ciências Humanas  
Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos  
Centro de Estudos Humanísticos  
Universidade do Minho

Xosé Manuel Sánchez Rei  
Maria Alcina Marques  
(Organizadores)

# O PAPEL DO GRAU DE EXPOSIÇÃO LINGUÍSTICA NO DESENVOLVIMENTO BILINGUE

Cristina Flores  
Universidade do Minho  
cflores@ilch.uminho.pt

Liliana Correia  
Mestranda/Universidade do Minho  
lilianamocorreia@gmail.com

## Introdução

O facto de crianças expostas desde muito cedo a duas línguas no seu quotidiano desenvolverem conhecimento linguístico nativo em ambas as línguas (se o contacto com ambas se mantiver até à adolescência, cfr. Bylund, 2009) é tido como evidência clara em favor da ideia de que a mente humana está biologicamente predisposta para o multilinguismo (Meisel, 1989). Como a criança bilingue tem de dividir o tempo em que está acordada por duas línguas, em teoria, isso significa que tem quantitativamente menos exposição a cada uma delas do que a criança que é exposta a apenas uma língua no seu quotidiano. Esta circunstância não a impede, no entanto, de adquirir as línguas-alvo como um falante nativo (Genesee, 1989), mostrando que a mente humana não necessita de “todo o *input*” que, teoricamente, possa estar disponível a um falante monolingue.

É um facto, contudo, que mesmo a quantidade de exposição linguística que uma criança monolíngue recebe é muito variável (veja o estudo de Hart & Risley, 1995). Há crianças que crescem no seio de famílias numerosas, com abundante comunicação verbal entre os seus membros, e outras que passam muitas horas sozinhas, ou em ocupações que não envolvem interação verbal. Mesmo sob circunstâncias sociais muito diferentes, todavia, o processo de aquisição de uma língua nativa é bastante uniforme. Esta observação sugere que a relação entre a quantidade (e qualidade) de exposição linguística que uma criança recebe e a competência linguística que desenvolve não é uma relação linear simples “de um para um”, revestindo-se de uma complexidade ainda insuficientemente compreendida. O crescente número de estudos que tentam compreender esta relação, sobretudo no caso da aquisição bilingue, tem mostrado que, apesar de não ser linear, existe de facto uma correlação entre os diferentes fatores que caracterizam o ambiente linguístico da criança (línguas faladas em casa; número de falantes nativos dessas línguas; existência de irmãos mais velhos, etc.) e o desenvolvimento dos diferentes domínios linguísticos, como o repertório lexical, a estrutura sonora da língua ou o conhecimento morfossintático (Unsworth, 2015). Em especial, tem sido destacado o efeito da quantidade de *input* linguístico que a criança recebe sobre o tamanho do seu repertório lexical e sobre o ritmo de aquisição de determinadas propriedades linguísticas.

O objetivo do presente artigo consiste em apresentar os principais resultados da investigação centrada no papel da variação de *input* linguístico na aquisição de duas (ou mais línguas) na infância, focando o desenvolvimento da competência lexical e morfossintática da criança bilingue.

## Exposição linguística e aquisição do vocabulário

Ao longo das últimas décadas têm surgido vários estudos sobre o desenvolvimento e a aquisição da competência lexical de falantes bilingues (Allman, 2005; Bialystok *et al.*, 2010; Bornstein & Cote, 2014; De Houwer *et al.*, 2014; Gathercole & Thomas, 2009; Hammer *et al.*, 2008; Hoff & Naigles, 2002; Hoff *et al.*, 2014a/b; Hurtado *et al.*, 2014; Junker & Stockman, 2002; Kan & Kohnert, 2005; Pearson *et al.*, 1993; Place & Hoff, 2011; Sheng *et al.*, 2011;

Smithson *et al.*, 2014; Thordardottir, 2011; Willard *et al.*, 2015, entre muitos outros).

De facto, a heterogeneidade de contextos em que estes falantes adquirem duas (ou mais) línguas reflete a diversidade de resultados que derivam dessas investigações. No domínio específico da aquisição do vocabulário, a generalidade dos estudos realizados tem tido como objetivos centrais avaliar a dimensão lexical de falantes bilingues, comparando-os entre si e com os seus pares monolingues, de modo não só a verificar semelhanças e diferenças nas suas trajetórias de desenvolvimento da competência lexical, como também a identificar e clarificar diferentes fatores intervenientes na aquisição desta competência linguística.

Deste modo, as seguintes ideias-chave sobre a aquisição lexical bilingue, que desenvolveremos nesta primeira secção, parecem ser transversais à pluralidade de resultados observados nas inúmeras investigações realizadas:

O desenvolvimento da competência lexical da criança bilingue é significativamente influenciado pelo grau de exposição linguística às duas línguas em aquisição.

No domínio lexical, a competência produtiva é mais vulnerável a efeitos de exposição reduzida do que a receptiva (compreensão).

A dimensão do vocabulário de falantes bilingues tende a ser inferior em cada uma das suas línguas quando é comparada com a de um falante monolíngue. Contudo, quando é calculado o seu vocabulário total (*i.e.* o vocabulário das línguas maioritária e minoritária combinadas), os falantes bilingues tendem a apresentar resultados semelhantes aos dos seus pares monolingues.

Em contextos de coexistência de uma língua maioritária e outra minoritária, os efeitos de exposição são sobretudo visíveis a nível da língua minoritária (língua de herança), mesmo em famílias em que ambos os pais falam a língua minoritária e esta é, portanto, a língua predominantemente usada no contexto doméstico.

Em contextos de migração, fatores socioculturais, como o estatuto da língua minoritária na sociedade de acolhimento ou o grau de aculturação das famílias imigrantes, parecem determinar a quantidade de exposição linguística que as crianças bilingues recebem em cada uma das suas línguas.

Um estudo importante para a discussão sobre os diferentes ritmos de aquisição lexical de falantes bilingues é o de Hoff *et al.* (2014b). As autoras realizaram um estudo comparativo das trajetórias do desenvolvimento do vocabulário produtivo de crianças bilingues e monolingues dos 22 aos 48 meses, partindo de resultados obtidos em estudos anteriores (Hoff *et al.*,

2012; Place & Hoff, 2011). Estes indicam que, embora o ritmo de crescimento lexical de crianças bilingues seja semelhante ao de crianças monolíngues, as crianças bilingues frequentemente apresentam, em estágios iniciais, resultados inferiores quando só uma das suas línguas é analisada. No que respeita à amostra deste estudo, esta é constituída por 31 crianças monolíngues (inglês), 11 crianças provenientes de contextos familiares em que ambos os pais eram falantes nativos de espanhol e 15 crianças oriundas de ambientes familiares em que um dos pais é falante nativo de espanhol e outro de inglês, tendo todos os intervenientes deste estudo participado numa investigação anterior sobre o desenvolvimento linguístico bilingue e monolíngue dos 22 aos 30 meses (Hoff *et al.*, 2012; Place & Hoff, 2011). Os resultados desta investigação longitudinal demonstram que a quantidade de exposição linguística em casa é um fator preditivo do desempenho lexical das crianças bilingues e influencia as suas trajetórias de desenvolvimento de vocabulário produtivo. Assim, as autoras constatarem que as crianças de famílias bilingues com uma exposição linguística mais equilibrada entre a língua minoritária (espanhol) e a maioritária (inglês), ou seja, as crianças cujos pais são ambos falantes nativos de espanhol, apresentam um ritmo de crescimento mais rápido do que os outros grupos no tamanho de vocabulário total (*i.e.* a soma do vocabulário de inglês e de espanhol), aproximando-se de um bilinguismo equilibrado aos 48 meses. Por outro lado, as crianças bilingues que estão mais expostas à língua da sociedade apresentam trajetórias de declínio na aquisição da competência lexical da língua minoritária. As autoras verificam ainda que o nível de competência linguística de inglês das crianças bilingues é equiparado ao das monolíngues, contudo, as crianças bilingues que são expostas apenas ao espanhol em casa apresentam resultados inferiores.

Por sua vez, Sheng *et al.* (2011) realizaram um estudo sobre o conhecimento lexical de crianças bilingues mandarim-inglês residentes nos Estados Unidos, no qual avaliaram as suas competências recetiva e produtiva através da aplicação de testes de identificação (compreensão) e de nomeação de imagens (produção) em ambas as línguas. A amostra deste estudo é constituída por dois grupos de falantes bilingues: um com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos e o outro na faixa etária dos 6 aos 8 anos. O perfil sociolinguístico de ambos os grupos é homogéneo, ou seja, todas as crianças, com a exceção de duas (um dos pais era falante monolíngue de inglês), provêm de um contexto familiar em que ambos os pais são falantes

nativos, ou fluentes, de mandarim, a língua utilizada no meio familiar, e foram expostas pela primeira vez à língua maioritária (*i.e.* inglês) na creche ou no infantário. Quanto ao estatuto socioeconómico, todos os participantes pertencem à classe média. Assim, ao calcularem o tamanho de vocabulário total, através da soma de todos os itens lexicais corretamente nomeados e identificados nos testes de imagens, as autoras constataam que este é maior do que o vocabulário contabilizado em cada uma das línguas no grupo de crianças mais jovens, mas é equivalente ao vocabulário da língua maioritária no grupo de crianças mais velhas. Por sua vez, a variação existente entre os resultados das competências produtiva e recetiva, revelando um nível de acurácia maior nos testes de identificação do que nos de nomeação, mostra que a diferença é maior na língua minoritária do que na maioritária e que, no caso do inglês, esta vai diminuindo com a idade e com o crescimento lexical. A conjugação destes dois resultados revela que houve um aumento acelerado e significativo, de uma faixa etária para a outra, no desenvolvimento lexical da língua maioritária, sugerindo, ao mesmo tempo, o aparecimento de um estado de estagnação precoce na aquisição lexical e no desenvolvimento das competências produtiva e recetiva na língua mais fraca. Segundo as autoras, apesar da quantidade elevada de exposição linguística ao mandarim em casa, o facto de estas crianças não terem acesso a outras fontes de *input* linguístico na sociedade e de não terem oportunidade de comunicar verbalmente na língua minoritária em contextos não familiares provoca este desequilíbrio no desenvolvimento lexical entre as suas duas línguas, podendo levar a um declínio das competências comunicativas na língua minoritária.

Num estudo com pares linguísticos mais diversificados, Bornstein & Cote (2014) analisaram a competência lexical produtiva de vários grupos de crianças bilingues (inglês-espanhol, inglês-coreano e inglês-japonês) de 20 meses, comparando os seus níveis de vocabulário entre si e com os de grupos de crianças monolingués de cada língua-alvo (com a exceção do japonês, devido à inexistência de dados). Os autores investigaram também se fatores culturais, designadamente o grau de aculturação das mães das crianças bilingues, influenciam a variação de *input* linguístico e, consequentemente, o desenvolvimento da competência lexical produtiva. Quanto aos participantes, todas as crianças bilingues são primogénitas e provêm de famílias em que pelo menos a mãe é imigrante de primeira geração nos Estados Unidos, sendo, portanto, falante nativa da língua-alvo minoritária.

Os grupos monolíngues são constituídos por crianças residentes na Argentina, na Coreia do Sul e nos Estados Unidos, estando, portanto, a adquirir a língua dominante da sociedade. Os dados lexicais foram recolhidos através de relatórios parentais padronizados que permitiram calcular a dimensão de vocabulário de cada criança nas línguas-alvo e o grau de exposição linguística bilingue foi obtido através de questionários sociolinguísticos detalhados. Para além disso, foi calculado o grau de aculturação das mães das crianças bilingues através de escalas padronizadas. No que respeita à análise do tamanho de vocabulário em cada uma das línguas-alvo, os autores verificam que as crianças bilingues apresentam valores inferiores aos das respetivas crianças monolíngues, não havendo, porém, diferenças significativas entre grupos bilingues relativamente à dimensão lexical na língua de herança, o que revela que os bilingues estavam a desenvolver a competência lexical produtiva na língua minoritária a um ritmo semelhante. Quanto ao tamanho de vocabulário total (*i.e.* as línguas maioritária e minoritária combinadas), apenas as crianças bilingues inglês-espanhol obtiveram valores inferiores aos dos seus correspondentes monolíngues, contradizendo estudos anteriores sobre este tipo de falantes bilingues (Pearson *et al.*, 1993; Hoff *et al.*, 2012). De acordo com os autores, tal discrepância de resultados poderá estar relacionada não só com diferenças culturais associadas ao país de origem das famílias imigrantes, como também com o estatuto da língua minoritária na comunidade de acolhimento, justificando que a amostra destes falantes residia numa área geográfica onde o espanhol tinha um estatuto inferior, sendo a aprendizagem bilingue, portanto, menos apoiada pela sociedade dominante. Por fim, os autores correlacionaram, em cada língua-alvo, o tamanho do vocabulário com o grau de exposição linguística e estes com o nível de aculturação das mães das crianças bilingues. Verificaram que havia uma relação direta, ou seja, as mães que estavam menos aculturadas à sociedade de acolhimento comunicavam mais na língua nativa com os seus filhos, o que, por sua vez, influenciava positivamente o tamanho de vocabulário da língua de herança. De igual modo, quando o grau de aculturação era maior, o processo inverso acontecia, desta vez com efeitos negativos para a língua minoritária.

Uma vez que a grande maioria dos estudos sobre o desenvolvimento da competência lexical de falantes bilingues está centrada em contextos bilingues em que a língua minoritária tem um estatuto sociocultural inferior ao da língua da sociedade (*i.e.* a maioritária) e em que os falantes bilingues

tendem a apresentar resultados inferiores aos dos seus pares monolíngues em testes de vocabulário em uma (Allman, 2005; Bialystok *et al.*, 2010) ou nas suas duas línguas (Oller, 2005; Oller *et al.*, 2007), têm surgido alguns estudos que procuram verificar se o desenvolvimento lexical destes falantes varia em contextos socioculturais favoráveis ao uso de ambas as línguas, como são os casos do bilinguismo francês-inglês no Canadá e do galês-inglês no País de Gales (Gathercole & Thomas, 2009; Thordardottir, 2011). É, portanto, nesta linha de investigação que Smithson *et al.* (2014) realizaram um estudo com crianças e adultos bilingues francês-inglês e os seus correspondentes monolíngues no Canadá, sendo que os participantes bilingues residiam em Edmonton, onde o francês, apesar de ter o estatuto de língua oficial a par do inglês, é a língua minoritária. Neste estudo, as autoras procuraram verificar se os seus participantes bilingues mostravam o mesmo padrão de desenvolvimento lexical que os participantes de um outro estudo realizado por Thordardottir (2011), no qual crianças bilingues francês-inglês, na faixa etária dos 5 anos, com quantidades de exposição equivalentes em ambas as línguas, residentes em Montreal (Canadá), obtiveram resultados semelhantes aos das crianças monolíngues em testes de vocabulário recetivo, tendo, as autoras do estudo em questão, alargado a sua análise a faixas etárias subseqüentes e a adultos. Simultaneamente, Smithson *et al.* (2014) procuram avaliar não só se a quantidade de exposição linguística em casa influencia os resultados de vocabulário das crianças bilingues, como também se os falantes bilingues têm um desempenho lexical adequado à sua faixa etária e se a primeira língua a ser adquirida (L1) influencia os resultados lexicais de um adulto bilingue. Quanto aos participantes, as crianças foram agrupadas em 3 faixas etárias (dos 3 aos 5 anos, dos 6 aos 8, e dos 9 aos 12) e, no caso dos adultos bilingues, estes foram agrupados por L1 (L1 francês; L1 inglês; e L1 francês-inglês). No que respeita aos participantes monolíngues, apenas a língua maioritária (*i.e.* o inglês) tinha representantes de todos os escalões etários, sendo que, na minoritária, só participaram crianças dos 3 aos 5 anos e dos 6 aos 8. Assim, após a aplicação de testes padronizados de vocabulário recetivo, as investigadoras verificam que todos os grupos etários bilingues apresentam resultados médios de vocabulário equivalentes ou acima da média padrão em ambas as línguas, com a exceção das crianças bilingues dos 6 aos 8 anos, que obtiveram resultados inferiores no inglês. No que respeita à comparação lexical entre grupos bilingues e monolíngues, as crianças dos 3 aos 5 anos



e adultos bilingues não apresentam diferenças significativas em relação aos grupos monolíngues correspondentes nos testes de inglês, mas os resultados dos grupos etários intermédios (6-8; 9-12 anos) são consideravelmente inferiores. Por sua vez, no francês, não se verificam diferenças relevantes entre os resultados das crianças bilingues e monolíngues. Uma das razões sugeridas para a variação dos resultados entre a língua minoritária e a maioritária nestas faixas etárias é o facto de estas crianças estarem a frequentar instituições de ensino destinadas a crianças bilingues cuja exposição linguística em casa é maioritariamente em francês, sendo esta a língua de escolarização (o inglês é apenas introduzido no terceiro ano de escolaridade). Contudo, os efeitos negativos da exposição reduzida à língua maioritária nestas idades parecem ser temporários, visto que na idade adulta os resultados lexicais são equivalentes aos do grupo monolíngue. Para além disso, as autoras constataam que a quantidade de exposição linguística em contexto familiar é um fator preditivo no desenvolvimento lexical de crianças bilingues em cada uma das suas línguas. Assim, se, por um lado, uma maior exposição ao francês em casa produz resultados inferiores nos testes de vocabulário recetivo de inglês e mais elevados nos testes de francês, por outro lado, as crianças bilingues mais expostas ao inglês em casa obtêm resultados mais altos nos testes de inglês e mais baixos nos de francês. Por fim, as autoras observam diferenças individuais nos resultados dos adultos bilingues. Nos testes de vocabulário de inglês, não são observadas diferenças significativas entre os três grupos, porém, nos testes de francês, o grupo bilingue cuja L1 é o inglês apresenta resultados inferiores aos dos outros grupos, demonstrando que a L1 dos adultos bilingues desempenha um papel importante no nível de vocabulário da língua minoritária, mas não no da maioritária.

### **Efeitos de *input* reduzido sobre o desenvolvimento da competência morfossintática**

Muitos dos estudos centrados no efeito da exposição linguística sobre o desenvolvimento bilingue analisam a aquisição de propriedades morfossintáticas e semânticas (Austin, 2009; Blom, 2010; Blom, Paradis & Sorenson Duncan, 2012; Flores & Barbosa, 2014; Flores *et al.*, 2016; Gathercole, 2007; Gathercole & Thomas, 2009; Gathercole *et al.*, 2013; Hoff *et al.*, 2012; Nicoladis, Palmer & Marentette, 2007; Paradis, Tremblay & Crago, 2014; Rodina

& Westergaard, 2015; Schlyter, 1993; Suchtelen, 2014; Thomas *et al.*, 2014; Thordardottir, 2014; Unsworth *et al.*, 2014; Unsworth, 2014, entre outros). Apesar do crescente número de estudos nesta área, estes diferem muito quanto à metodologia de recolha de dados usada, ao tipo de falante investigado e aos fatores selecionados para controlar o grau de exposição linguística. Não obstante esta diversidade, podemos sintetizar quatro ideias-chave que resultam da investigação realizada e que iremos aprofundar nesta secção:

Tal como o domínio lexical, também o desenvolvimento da competência morfosintática é vulnerável a efeitos de exposição linguística. A expressividade destes efeitos depende de vários fatores.

Nem todos os domínios morfossintáticos são igualmente suscetíveis a efeitos de variação de *input*. O grau de suscetibilidade parece depender do grau de complexidade da propriedade-alvo e da idade em que é adquirida no desenvolvimento nativo.

No caso de crianças que crescem em contextos em que a língua falada no seio da família (língua minoritária / de herança) não é a língua da sociedade dominante (língua maioritária), os efeitos de exposição linguística reduzida são sobretudo visíveis a nível da língua minoritária, sendo pouco expressivos na língua maioritária.

Efeitos de exposição reduzida, observados em fases precoces do desenvolvimento linguístico (por exemplo, um atraso na aquisição de uma determinada propriedade), são muitas vezes superados em fases mais tardias de desenvolvimento.

Um contributo importante neste domínio foi dado pelos estudos de Elin Thordardottir (2011, 2014), que investigou o desenvolvimento lexical e gramatical de crianças bilingues francês-inglês, de 3 e 5 anos de idade, residentes em Montreal / Canadá. A quantidade de exposição linguística recebida em cada língua foi calculada a partir de um questionário parental detalhado, que incidiu sobre as línguas faladas em casa e no infantário, os interlocutores e os contextos de uso de cada língua ao longo da vida da criança. Para cada língua foi então calculada uma percentagem de exposição linguística, que permitiu classificar as crianças em crianças com exposição equilibrada ao francês e ao inglês e crianças que recebiam muito mais *input* linguístico de uma língua do que de outra (geralmente o francês era a língua dominante). Focando o domínio da morfologia verbal, nomeadamente a acurácia e a diversidade de uso de morfemas de flexão verbal, Thordardottir (2014) comparou a proficiência das crianças bilingues, em cada língua, entre si e com crianças monolíngues das respetivas línguas, com idades

equivalentes. Os resultados mostram que o desenvolvimento gramatical é fortemente influenciado pelo grau de exposição linguística nas línguas-alvo. As crianças com exposição equivalente em ambas as línguas apresentam resultados semelhantes às respetivas crianças monolíngues. Já as crianças que têm consideravelmente mais contacto diário com uma das duas línguas apresentam desenvolvimento distinto em ambas as línguas. No caso de exposição desequilibrada, o desenvolvimento da morfologia verbal na língua menos usada (com ca. 25% de exposição), classificada como ‘língua mais fraca’ (de *weaker language*), apresenta atrasos, comparado com o desenvolvimento das crianças monolíngues ou das crianças bilingues com exposição equilibrada. As crianças com uma língua mais fraca mostram, na faixa etária de 5 anos, níveis de desenvolvimento gramatical comparáveis ao de crianças monolíngues de 3 anos nessa língua (mas não na língua dominante), usando consideravelmente menos morfemas de flexão verbal.

Também os estudos desenvolvidos por Sharon Unsworth e colegas (Unsworth, 2013, 2014; Unsworth *et al.*, 2014) correlacionam o desenvolvimento morfossintático das crianças bilingues investigadas com fatores extralinguísticos que determinam o grau e tipo de exposição linguística. Para quantificar a exposição linguística, Unsworth (2013) desenvolveu um instrumento de avaliação da exposição linguística (o UBILEC - *Utrecht Bilingual Language Exposure Calculator*), que permite determinar um valor médio de exposição acumulada ao longo da vida da criança (*Cumulative Index of Exposure*), o qual resulta da análise detalhada de variáveis relacionadas com a quantidade e qualidade de input disponível. Assim, com base neste instrumento, Unsworth *et al.* (2014) mostram que a aquisição da categoria gramatical ‘género’ em crianças bilingues holandês-inglês e grego-inglês depende significativamente do valor médio de exposição acumulada, calculado para cada criança. Quanto menor este valor, mais demora as crianças mostram na aquisição do género gramatical. Esta aquisição mais demorada é sobretudo visível em holandês, língua em que a categoria gramatical ‘género’ é uma propriedade bastante opaca, adquirida tarde por parte de crianças falantes nativas de holandês. As autoras concluem que também a natureza da propriedade gramatical investigada determina o seu grau de vulnerabilidade face ao grau de exposição linguística recebida. Propriedades consideradas

‘tardias’[1] são mais *suscetíveis a input reduzido do que propriedades gramaticais adquiridas em estágios precoces de aquisição*.

Esta conclusão é confirmada por Flores *et al.* (2016), que analisam a produção do modo verbal em orações completivas do português europeu por parte de crianças e adolescentes bilingues luso-alemães residentes na Alemanha (7 a 16 anos de idade) num teste de produção provocada (baseado em Jesus, 2014). Os resultados deste estudo mostram que o facto de as crianças terem dois pais portugueses de primeira geração, que usam predominantemente o português em casa, ou pais bilingues, que usam tanto o alemão como o português na comunicação com os filhos, influencia significativamente o seu domínio do modo conjuntivo na sua língua de herança (*i.e.* o português). As crianças que têm menos contacto com o português em casa começam a usar o modo conjuntivo mais tarde do que as crianças com mais exposição. Confirmando observações de outros estudos (p. ex. Hoff *et al.*, 2014b), os autores também mostram que o facto de as crianças terem ou não irmãos mais velhos é uma variável preditiva da produção do modo conjuntivo. Uma vez que a comunicação entre irmãos tende a desenvolver-se predominantemente na língua maioritária, a criança com irmãos mais velhos tem tendência a usar mais cedo a língua maioritária, em detrimento da língua de herança, do que a criança primogénita. Este estudo mostra ainda que, em idades mais avançadas (*i.e.* dos 13 aos 16 anos), os jovens bilingues já não apresentam diferenças entre si na produção do conjuntivo, sugerindo que eventuais atrasos na produção do modo conjuntivo nos contextos testados são superados em estágios mais avançados do desenvolvimento linguístico. Isto significa que, tendo contacto continuado à língua de herança, o falante acaba por adquirir a propriedade-alvo.

A hipótese de os efeitos de *input* reduzido serem significativos num determinado estágio de desenvolvimento, sendo superados em estágios mais avançados, é defendida por vários autores. Gathercole & Thomas (2009), por exemplo, analisam a proficiência linguística de crianças oriundas do País de Gales, que crescem com exposição ao inglês, a língua maioritária, e ao galês. Apesar de ser uma das línguas oficiais do País de Gales, o galês é uma língua minoritária, usada sobretudo no contexto familiar. As 306 crianças

---

<sup>1</sup> Para uma discussão dos conceitos de propriedade ‘precoce’, ‘tardia’ e ‘muito tardia’ veja Tsimpli (2014).

testadas (com idades compreendidas entre os 3 e os 9 anos) são classificadas de acordo com a língua de comunicação em casa. Um grupo provém de famílias que apenas falam galês em casa, o outro grupo é constituído por crianças provenientes de famílias que usam o galês e o inglês na interação familiar. Por usarem predominantemente o galês em casa, as crianças do primeiro grupo têm uma exposição bastante equilibrada às duas línguas, uma falada no seio da família e a outra fora de casa. O segundo grupo, que usa o galês e o inglês em casa, tem significativamente mais exposição à língua inglesa do que ao galês. Os resultados da experiência centrada no domínio do género gramatical em galês mostram que as crianças do primeiro grupo apresentam um processo de aquisição do galês significativamente mais acelerado do que as crianças provenientes de famílias bilingues. Já a nível do inglês, a língua maioritária, as crianças testadas atingem proficiência linguística semelhante à de crianças inglesas monolingues. Estes resultados mostram que a língua maioritária de crianças oriundas de comunidades bilingues se desenvolve de forma semelhante à de crianças monolingues. A língua minoritária, no entanto, é vulnerável a efeitos de exposição reduzida. Contudo, as crianças mais velhas (de 9 anos de idade) apresentam um nível de proficiência muito semelhante, independentemente do seu grau de exposição ao galês. Segundo as autoras, este resultado mostra que as crianças com menos exposição à língua minoritária demoram mais tempo a adquirir determinadas propriedades morfossintáticas, mas acabam por adquiri-las em idades mais avançadas. Este processo é explicado com recurso à hipótese da ‘massa crítica de exposição’ (*critical mass of input*), segundo a qual a aquisição de determinadas propriedades (como o género em galês) requer uma quantidade mínima de exposição. Uma criança bilingue que tenha exposição mais limitada a uma das suas línguas demorará mais tempo a juntar a massa crítica de exposição necessária à aquisição dessas propriedades.

Ainda segundo Gathercole e Thomas (2009), para acumular a ‘massa crítica’ necessária, é fundamental um contacto contínuo com a língua minoritária. Thomas *et al.* (2014) mostram que os falantes bilingues que deixam de ter contacto diário com a língua minoritária poderão não adquirir determinadas propriedades gramaticais, sobretudo se estas são muito complexas e opacas (como o plural no galês).

## Considerações finais

Apesar da diversidade de metodologias usadas, do domínio linguístico observado e dos pares de línguas analisados, os estudos acima apresentados mostram que existe uma estreita correlação entre as condições de *input* linguístico acessível à criança bilingue e o seu desenvolvimento linguístico. Como demonstram os estudos revistos, são vários os fatores que condicionam a natureza da exposição linguística em contexto bilingue. As crianças que crescem com duas línguas, em regra, obtêm o seu *input* linguístico em cada uma das línguas de diferentes fontes, sendo que estas podem ser mais numerosas e diversificadas numa das línguas e bastante reduzidas na outra.

O contexto de aquisição mais importante, que fornece uma parte substancial do *input* linguístico, sobretudo em faixas etárias precoces, é o contexto doméstico. A quantidade de exposição linguística recebida em casa é geralmente medida através de estimativas fornecidas pelos pais das crianças investigadas ou resultam de cálculos extraídos de questionários parentais. As situações mais comuns são, por um lado, o uso da estratégia ‘um pai – uma língua’, em que pai e mãe usam línguas diferentes no contexto doméstico. Geralmente (mas nem sempre), uma dessas línguas é também a língua da sociedade. Por outro lado, também é muito frequente a língua da família não ser a língua da sociedade maioritária. Nestes casos, a criança é exposta a uma língua no contexto doméstico e à outra ‘fora de casa’, contudo, a língua maioritária pode também ser falada no contexto doméstico por irmãos ou um (ou mesmo ambos os) pai(s). Estas diferentes constelações originam grandes variações quanto à quantidade de *input* que crianças bilingues recebem de cada uma das suas línguas: a exposição a ambas as línguas pode ser bastante equilibrada ou a criança poderá ter um contacto muito limitado com uma das línguas e exposição dominante à outra. Como mostram os estudos acima apresentados, esta variação reflete-se claramente no desenvolvimento lexical e morfossintático das crianças, sendo a língua mais fraca, evidentemente, a mais afetada por exposição reduzida. Consequentemente, a investigação nesta área mostra que o desenvolvimento linguístico das crianças é mais equilibrado no caso em que, em contexto de migração, ambos os pais falam a língua minoritária no seio da família (veja também discussão em De Houwer, 2007; Unsworth, 2015).

Naturalmente, os pais não são a única fonte de exposição linguística no contexto doméstico. Geralmente, a criança convive também com familiares próximos, como avós e tios, que podem viver na mesma casa e que dão um contributo importante neste domínio. Um papel importante têm também os irmãos, como demonstrado em vários estudos (ex. Bridges & Hoff, 2014; Flores *et al.*, 2016), pois crianças com irmãos mais velhos tendem a mostrar um desenvolvimento mais demorado em algumas áreas da língua minoritária do que crianças primogénitas. É importante realçar neste âmbito que o número de filhos parece ter um papel importante, não apenas pela presença de mais fontes de exposição disponíveis aos irmãos mais novos, mas também porque a existência de mais filhos parece desencadear uma alteração de hábitos linguísticos. Geralmente, os irmãos mais velhos originam a introdução da língua maioritária no seio de famílias de línguas minoritárias, que tende também a ser adotada pelos pais (ver Bridges & Hoff, 2014).

A par da quantidade, também a qualidade da exposição linguística desempenha um papel importante no desenvolvimento linguístico de crianças bilingues. No seu dia a dia, estas crianças interagem quer com falantes nativos, quer com falantes não nativos, que variam quanto ao seu nível de proficiência. Em contextos familiares bilingues, é comum, por exemplo, os pais usarem a língua um do outro, apresentando, muitas vezes, fragilidades nos vários domínios linguísticos (léxico, fonética, morfossintaxe, semântica e pragmática) da língua não nativa. Por outro lado, é também frequente as crianças bilingues conviverem com diferentes gerações de imigrantes que, por sua vez, podem exibir efeitos de erosão linguística na língua de origem e níveis de proficiência baixa na língua de acolhimento. De facto, alguns estudos sugerem que, se, por um lado, o contacto frequente com falantes nativos é um fator preditivo positivo do desenvolvimento linguístico bilingue (Place & Hoff, 2011), por outro lado, *input* linguístico proveniente de falantes menos proficientes na(s) língua(s)-alvo poderá ter efeitos negativos sobre a competência linguística de falantes bilingues, podendo levar a uma aquisição incompleta da(s) língua(s)-alvo (Cornips & Hulk, 2008).

De igual modo, a variedade de interlocutores e a qualidade de diferentes fontes de *input* linguístico a que crianças bilingues têm acesso influenciam os seus níveis de proficiência linguística. Geralmente, o conhecimento lexical de crianças bilingues tende a estar distribuído por diferentes contextos de comunicação de acordo com a língua utilizada pelos seus intervenientes,

sendo, portanto, normal uma criança bilingue conhecer vocabulário numa língua e não na outra, consoante o contexto em que este ocorre (Oller *et al.*, 2007). Deste modo, a convivência com diferentes falantes das línguas em aquisição em contextos de comunicação diversificados (*i.e.* casa, escola, atividades extracurriculares, etc.) contribui positivamente para a variedade e riqueza lexical das crianças bilingues. Por outro lado, o acesso a diferentes fontes de exposição linguística mais próximas da língua padrão (*i.e.* televisão, rádio, literatura, etc.) parece ter igualmente um impacto positivo no desenvolvimento linguístico bilingue (Cha & Goldenberg, 2015; Scheele *et al.*, 2010).

Para além do ambiente doméstico, outro contexto de aquisição bilingue muito importante é o contexto escolar. De facto, a escola e outras instituições de educação pré-escolares são, muitas das vezes, as principais fontes de *input* linguístico da língua da sociedade para crianças que são expostas predominantemente à língua de herança em casa. De salientar ainda que é nesta altura, quando as crianças bilingues começam a frequentar instituições escolares, que, geralmente, a língua maioritária começa a exercer o seu papel dominante no processo da aquisição bilingue. Por outro lado, é também através da escola, em contextos socioculturais que promovem programas de educação bilingue, que crianças bilingues têm acesso a um tipo de *input* linguístico mais normativo da língua de herança, tendo ao mesmo tempo a oportunidade de conhecer e de conviver com outras crianças bilingues que partilham a mesma experiência sociolinguística.

## Referências

- ALLMAN, B. (2005). Vocabulary size and accuracy of monolingual and bilingual preschool children. In J. Cohen, K. T. McAlister, K. Rolstad & J. MacSwan (Eds.), *Proceedings of the 4th International Symposium on Bilingualism* (pp. 58-77). Somerville, MA: Cascadilla Press.
- AUSTIN, J. (2009). Delay, interference, and bilingual development: The acquisition of verbal morphology in children learning Basque and Spanish. *International Journal of Bilingualism*, 13, 447-479.



- BIALYSTOK, E., Luk, G., Peets, K. F., & Yang, S. (2010). Receptive vocabulary differences in monolingual and bilingual children. *Bilingualism: Language and Cognition*, 13, 525-531.
- BLOM, E. (2010). Effects of input on the early grammatical development of bilingual children. *International Journal of Bilingualism*, 14, 422-446.
- BLOM, E., Paradis, J., & Sorenson Duncan, T. (2012). Effects of input properties, vocabulary size, and L1 on the development of third person singular *-s* in child L2 English. *Language Learning*, 62 (3), 965-994.
- BORNSTEIN, M. H., & Cote, L. R. (2014). Productive vocabulary among three groups of bilingual American children: Comparison and prediction. *First Language*, 34, 467-485.
- BRIDGES, K., & Hoff, E. (2014). Older sibling influences on the language environment and language development of toddlers in bilingual homes. *Applied Psycholinguistics*, 35, 225-241.
- BYLUND, E. (2009). Maturation constraints and first language attrition. *Language Learning*, 59 (3), 687-715.
- CHA, K., & Goldenberg, C. (2015). The complex relationship between bilingual home language input and kindergarten children's Spanish and English oral proficiencies. *Journal of Educational Psychology*, 107 (4), 935-953.
- CORNIPS, L., & Hulk, A. (2008). Factors of success and failure in the acquisition of grammatical gender in Dutch. *Second Language Research*, 28, 267-296.
- DE HOUWER, A. (2007). Parental language input patterns and children's bilingual use. *Applied Psycholinguistics*, 28, 411-424.
- DE HOUWER, A., Bornstein, M., & Putnick, D. L. (2014). A bilingual-monolingual comparison of young children's vocabulary size: Evidence from comprehension and production. *Applied Psycholinguistics*, 35, 1189-1211.
- FLORES, C., & Barbosa, P. (2014). When reduced input leads to delayed acquisition: a study on the acquisition of clitic placement by Portuguese heritage speakers. *International Journal of Bilingualism*, 18 (3), 304-325.
- FLORES, C., Santos, A., Jesus, A., & Marques, R. (2016). Age and input effects in the acquisition of mood in Heritage Portuguese. *Journal of Child Language*.
- GATHERCOLE, V. C. M. (2007). Miami and North Wales, so far and yet so near: Constructivist account of morpho-syntactic development in bilingual children. *The International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, 10, 224-247.

- GATHERCOLE, V. C. M. & Thomas, E. M. (2009). Bilingual first-language development: Dominant language takeover, threatened minority language take-up. *Bilingualism: Language and Cognition*, 12 (2), 213-237.
- GATHERCOLE, V. C. M., Thomas, E. M., Roberts, E., Hughes, C., & Hughes, E. (2013). Why assessment needs to take exposure into account: Vocabulary and grammatical abilities in bilingual children. In V. C. M. Gathercole (Ed.), *Issues in the assessment of bilinguals* (pp. 20-55). Bristol: Multilingual Matters.
- GENESE, F. (1989). Early bilingual development: one language or two? *Journal of Child Language*, 16, 161-179.
- HAMMER, C. S., Lawrence, F. R., & Miccio, A. W. (2008). Exposure to English before and after entry to Head Start: Bilingual children's receptive language growth in Spanish and English. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, 11, 30-56.
- HART, B., & Risley, R. T. (1995). *Meaningful differences in the everyday experience of young American children*. Baltimore: Paul H. Brookes.
- HOFF, E., Rumiche, R., Burrige, A., Ribot, K. M., & Welsh, S. N. (2014a). Expressive vocabulary development in children from bilingual and monolingual homes: A longitudinal study from two to four years. *Early Childhood Research Quarterly*, 29, 433-444.
- HOFF, E., Welsh, S., Place, S., & Ribot, K. M. (2014b). Properties of dual language input that shape bilingual development and properties of environments that shape dual language input. In T. Grüter & J. Paradis (Eds.), *Input and experience in bilingual development* (pp. 119-140). Amsterdam / Philadelphia: Benjamins.
- HOFF, E., Core, C., Place, S., Rumiche, R., Senior, M., & Parra, M. (2012). Dual language exposure and early bilingual development. *Journal of Child Language*, 39, 1-27.
- HOFF, E., & Naigles, L. (2002). How children use input to acquire a lexicon. *Child Development*, 73 (2), 418-433.
- HURTADO, N., Grüter, T., Marchman, V., & Fernald, A. (2014). Relative language exposure, processing efficiency and vocabulary in Spanish-English bilingual toddlers. *Bilingualism: Language and Cognition*, 17, 189-202.
- JESUS, A. (2014). Aquisição do modo em orações completivas do Português Europeu: o papel dos traços de epistemicidade e veridicidade. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- JUNKER, D. A., & Stockman, I. J. (2002). Expressive vocabulary of German-English bilingual toddlers. *American Journal of Speech-Language Pathology*, 11, 381-395.

- KAN, P. F., & Kohnert, K. (2005). Preschoolers learning Hmong and English: Lexical-semantic skills in L1 and L2. *Journal of Speech, Language, and Hearing Research*, 48, 372-383.
- MEISEL, J. (1989). Early differentiation of languages in bilingual children. In K. Hyltenstam & L. Obler (Eds.), *Bilingualism Across the Lifespan: Aspects of Acquisition, Maturity and Loss* (pp. 13-40). Cambridge: Cambridge University Press.
- NICOLADIS, E., Palmer, A., & Marentette, P. (2007). The role of type and token frequency in using past tense morphemes correctly. *Developmental Science*, 10, 237-54.
- OLLER, D. K. (2005). The distributed characteristic in bilingual learning. In J. Cohen, K. T. McAlister, K. Rolstad & J. MacSwan (Eds.), *ISB4: Proceedings of the 4th International Symposium on Bilingualism* (pp. 1744-1749). Somerville, MA: Cascadilla Press.
- OLLER, D. K., Pearson, B. Z., & Cobo-Lewis, A. B. (2007). Profile effects in early bilingual language and literacy. *Applied Psycholinguistics*, 28, 191-230.
- PARADIS, J., Tremblay, A., & Crago, M. (2014). French-English bilingual children's sensitivity to child-level and language-level input factors in morphosyntactic acquisition. In T. Grüter & J. Paradis (Eds.), *Input and experience in bilingual development* (pp. 161-180). Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- PEARSON, B. Z., Fernández, S. C., & Oller, D. K. (1993). Lexical development in bilingual infants and toddlers: Comparison to monolingual norms. *Language Learning*, 43, 93-120.
- PLACE, S., & Hoff, E. (2011). Properties of dual language exposure that influence two-year-olds' bilingual proficiency. *Child Development*, 82, 1834-1849.
- RODINA, Y., & Westergaard, M. (2015). Grammatical gender in bilingual Norwegian-Russian acquisition: The role of input and transparency. *Bilingualism: Language and Cognition*. FirstView Article. DOI:10.1017/S1366728915000668
- SCHEELE, A. F., Leseman, P. P. M., & Mayo, A. Y. (2010). The home language environment of monolingual and bilingual children and their language proficiency. *Applied Psycholinguistics*, 31, 117-140.
- SCHLYTER, S. (1993). The weaker language in bilingual Swedish-French children. In K. Hyltenstam & A. Viberg (Eds.), *Progression and regression in language: Sociocultural, neuropsychological and linguistic perspectives* (pp. 289-308). Cambridge: Cambridge University Press.
- SHENG, L., Lu, Y., & Kan, P. F. (2011). Lexical development in Mandarin-English bilingual children. *Bilingualism: Language and Cognition*, 14, 579-587.

- SMITHSON, L., Paradis, J., & Nicoladis, E. (2014). Bilingualism and receptive vocabulary achievement: Could sociocultural context make a difference? *Bilingualism: Language and Cognition*, 17, 810-821.
- SUCHTELEN, P. (2014). Maintained and acquired heritage Spanish in the Netherlands: The case of dative constructions. *Applied Linguistics Review*, 5 (2), 375-400.
- THOMAS, E. M., & Gathercole, V. (2007). Children's productive command of grammatical gender and mutation in Welsh: An alternative to rule-based learning. *First Language*, 27 (3), 251-278.
- THOMAS, E., Williams, N., Jones, L., Davies, S., & Binks, H. (2014). Acquiring complex structures under minority language conditions: Bilingual acquisition of plural morphology in Welsh. *Bilingualism: Language and Cognition*, 17 (3), 478-494.
- THORDARDOTTIR, E. (2014). The relationship between bilingual exposure and morphosyntactic development. *International Journal of Speech Language Pathology*. Early on-line. DOI: 10.3109/17549507.2014.923509
- THORDARDOTTIR, E. (2011). The relationship between bilingual exposure and vocabulary development. *International Journal of Bilingualism*, 15, 426-445.
- TSIMPLI, I. (2014). Early, late or very late? Timing acquisition and bilingualism. *Linguistic Approaches to Bilingualism*, 4 (3), 283-313.
- UNSWORTH, S. (2015). Quantity and quality of language input in bilingual language development. In E. Nicoladis & S. Montanari (Eds.), *Lifespan perspectives on bilingualism* (pp. 136-196). Berlin: Mouton de Gruyter.
- UNSWORTH, S. (2014). Comparing the role of input in bilingual acquisition across domains. In T. Grüter & J. Paradis (Eds.), *Input and experience in bilingual development* (pp.181-201). Amsterdam: John Benjamins.
- UNSWORTH, S. (2013). Assessing the role of current and cumulative exposure in simultaneous bilingual acquisition: The case of Dutch gender. *Bilingualism: Language and Cognition*, 16 (1), 86-110.
- UNSWORTH, S., Argyri, F., Cornips, L., Hulk, A., Sorace, A., & Tsimpli, I. (2014). The role of age of onset and input in early child bilingualism in Greek and Dutch. *Applied Psycholinguistics*, 35 (4), 765-805.
- WILLARD, J. A., Agache, A., Jäkel, J., Glück, C. W., & Leyendecker, B. (2015). Family factors predicting vocabulary in Turkish as a heritage language. *Applied Psycholinguistics*, 36, 875-898.

ISBN 978-989-755-240-3



9 789897 552403